



## ■ Os custos da esquizofrenia

O tratamento de portadores de esquizofrenia consome 2,2% do total de gastos de saúde em São Paulo, o equivalente a R\$ 222 milhões (US\$ 191,7 milhões), embora esse distúrbio psiquiátrico atinja 0,7% da população adulta do estado – cerca de 177 mil pessoas. E pode não ser o bastante, concluíram Raquel Jales Leitão, Marcos Bosi Ferraz, Ana Cristina Chaves e Jair Mari, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em um estudo da *Revista de Saúde Pública*. A pesquisa em hospitais públicos, aliada a levantamentos epidemiológicos, mostrou que 71% dos portadores de esquizofrenia não são tratados ou recebem tratamento irregular. É uma proporção que os autores do estudo consideram alarmante. •

## Um zoológico muito estranho

Como se entrasse em uma floresta às avessas, o físico italiano Enrico Fermi criou uma expressão notável, zoológico de partículas, para designar a variedade de formas e de comportamentos – muitas vezes bizarros – das infinitamente pequenas porções de matéria que não paravam de surgir. Agora é a vez de Maria Cristina Batoni Abdalla, professora do Instituto de Física da Universidade Estadual Paulista (Unesp), explicar o que são e as forças que controlam os elétrons, antielétrons, fótons, píons e múons – já eram 11 em 1950 – no livro *O discreto charme das partículas elementares* (Ed. Unesp), com ilustrações criativas e bem-humoradas de Sergio Kon, algumas delas mostradas acima. Percorrendo a história – dos filósofos gregos, que tudo explicavam, à matéria escura, que ninguém ainda conseguiu explicar –, Maria Cristina lembrou-se de que a física pode interessar também a quem não é físico: ela parece saber que os leitores realmente não conhecem quase nada do mundo atômico – e não que já deveriam conhecer, o pressuposto mais comum nos livros escritos por físicos. Ela não teme ser simples, sem perder precisão. •

## ■ Os macacos mais antigos do Brasil

De uma só tacada paleontólogos do Brasil e dos Estados Unidos apresentam fósseis de duas novas espécies e de um gênero já conhecido de primatas que viveram entre 9 milhões e 6 milhões de anos atrás onde atualmente é o Acre. “São os macacos mais antigos do país”, diz Mario Cozzuol, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O mais antigo desses fósseis é de um macaco de cerca de 5 quilos que se alimentava principalmente de frutas: o *Solimoea acrensis*, parecido com o macaco-aranha (*Ateles geoffroyi*), de pouco mais de meio metro de altura e uma longa cauda que usa para se pendurar. A segunda espécie identificada por Cozzuol e Richard Kay, da Universidade Duke, Estados Uni-



dos, é a *Acrecebus fraileyi*, parente distante do macaco-prego (*Cebus apella*). No *Journal of Human Evolution*, Cozzuol e Richard afirmam que o terceiro fóssil, um dente antes atribuído a um mamífero semelhante ao quati, pertence a um macaco do gênero *Stirtonia*, parente do guariba que já havia sido identificado na Colômbia. “Nenhum desses macacos é ancestral dos atuais”, diz Cozzuol. “A descoberta desse gênero e das duas espécies no Acre é um sinal de que a diversidade atual da região pode ter sido ainda maior.” •

## ■ Guerra de estrelas

Perto do centro da Via Láctea, duas estrelas, uma anã branca e sua companheira no sistema binário V 617 Sagitarii, tra-



LAURABEATRIZ

vam um combate de vida e morte. O primeiro astro não pára de sugar gás do segundo. Para que um deles permaneça em nossa galáxia, o outro terá de desaparecer: ou a anã branca vai explodir por excesso de matéria, ou a estrela companheira vai se esvaír, sem gás. Em no máximo 1 milhão de anos, mil vezes menos do que dura um sistema binário normal, um dos corpos terá su-

cumbido à força de seu oponente. Pela primeira vez esse raro duelo, ou suicídio estelar assistido, foi flagrado. Foi um feito de uma equipe chefiada por João Steiner, da Universidade de São Paulo (USP), que descreveu o embate de astros na *Astronomy and Astrophysics Letters*. “Uma estrela está tentando freneticamente destruir a outra e vice-versa”, afirma Steiner. •

## ■ A ameaça das águas

Saiu o primeiro estudo mostrando o que poderia acontecer no Brasil se o nível do mar continuar subindo, em consequência do aquecimento global: poderia desaparecer, coberta pelo mar, metade do arquipélago de Marajó, na foz do rio Amazonas – com quase 50 mil quilômetros quadrados, é maior que o estado do Rio de Janeiro. Em algumas décadas, de acordo com esse estudo de uma equipe do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), baseado em previsões de elevação do mar publicadas na *Science*, pelo menos duas outras localidades geologicamente semelhantes – as cidades de Santos, no litoral paulista, e de Atafona, no Rio – poderiam sofrer problemas semelhantes. •

## A Caatinga antes e depois da chuva

Os biólogos Carlos Jared e Marta Antoniazzi, do Instituto Butantan, tiveram muita sorte no início deste ano quando visitaram a Caatinga: após andarem por lá há 20 anos, viram pela primeira vez uma chuva cair sobre o sertão nordestino. Chegaram na tarde de 22 de fevereiro a Angicos, no Rio Grande do Norte, dispostos a procurar anfíbios enterrados na terra seca. À noite



LAURABEATRIZ

caiu a primeira e imprevisível chuva após mais de dois anos. Cobras, sapos e rãs

começaram a sair dos esconderijos. Seis dias depois choveu ainda mais, por dois

dias seguidos. “De uma hora para outra, fica tudo verde”, comenta Jared. Nas poças d’água dezenas de sapos coaxavam, enquanto outros se acasalavam ou já cuidavam dos ovos envoltos por uma espuma branca. “Estou sonhando ou os bichos continuam cantando?”, perguntou-se Marta na primeira manhã sem chuva. Ao meio-dia os sapos ainda não haviam parado de coaxar. •